



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

História do Pensamento Africano

(Ano lectivo de: 2023, 2º semestre, 3º ano)

Discente: Elvina Mwatiyakale

Docente: Dr. Hélder Nhamaze

Resumo

O texto da autora Cleonora Hudson Weems (2012) com o título *Africana Womanism o outro lado da moeda*. A autora analisa a questão sobre as mulheres negras desempoderadas que enfrentaram tensões raciais e de gênero, e que o conceito de *Africana Womanism* surgiu como uma forma de abordar essas preocupações e melhorar as relações entre as mulheres negras e entre os gêneros masculino ou feminino. Fazendo uma análise crítica do texto trazendo principais discussões entre os autores.

A autora argumenta que a *Africana Womanism* reconhece a opressão racista partilhada vivida por mulheres e homens negros durante a escravidão. E destaca que as personagens femininas em *A bem amada* representam as vítimas desse destino indizível, suportando abuso sexual e trabalho escravo. A autora também ressalta que os homens africanos também foram explorados sexualmente, o que reforça a importância de considerar a dinâmica da exploração sexual e do racismo na experiência africana. Weems (2012) analisa questões de raça, classe e gênero,

reconhecendo as defesas comuns desenvolvidas pela comunidade negra para enfrentar essa opressão partilhada.

Para autora na jornada para a realização de seus objetivos pessoais, não se deve fazer escolhas baseadas apenas em sua segurança. Nada é seguro. A busca pela realização de suas ambições não pode ser feita em detrimento de sua meia-irmã. Ao empunhar o poder que é merecidamente seu, não permita que isso escravize suas irmãs. A autora está explica a importância da irmandade entre mulheres e como a falta dela no local de trabalho é um fenômeno lamentável. Também destaca que a irmandade genuína é uma das características chave do Africana Womanism e que a segurança e harmonia das mulheres são fundamentais para a sociedade como um todo. A autora menciona outras características do Africana Womanism, como automeação, força em conjunto com os homens, flexibilidade de papéis e respeito espiritual aos pares masculinos.

No entanto, a autora argumenta sobre a interconexão entre a sobrevivência humana e o sofrimento do homem africano, trouxe como exemplo o caso do assassinato de Emmett Till. Neste ponto destaca-se a necessidade de uma troca entre homens e mulheres negras para combater a opressão compartilhada. O conceito de Africana Womanism como uma ideologia que aborda sobre as experiências e necessidades das mulheres africanas de forma única, separada do feminismo branco e do feminismo africano.

A autora está discute a questão de gênero na perspectiva das mulheres africanas e argumenta que, questões de gênero não significa automaticamente se engajar no feminismo. De forma equivalente, a autora menciona que algumas estudiosas africanas afirmam ser feministas originais e lutam para que o feminismo não seja dominado por mulheres brancas. A autora também destaca a importância de reconhecer e lidar com os problemas de gênero dentro do sistema patriarcal, sem necessariamente depender exclusivamente do feminismo ou do feminismo negro. A crítica endereçada à dinâmica de conflito entre: as feministas tradicionais, a feminista preta, a feminista africana, e Africana Womanism. O conceito de Africana Womanism, uma ideologia criada para todas as mulheres de ascendência africana, visto que se baseia na cultura africana e nas experiências únicas, lutas, necessidades e desejos dessas mulheres. A autora analisa que Africana Womanism é diferente do feminismo branco, feminismo negro e feminismo de raça, classe e gênero, ao invés de se concentrar apenas em questões de gênero. Por

isso, a opressão racial e cultural enfrentada pelas mulheres negras antes de buscar a igualdade de gênero. Também é necessário reconhecer as diferentes lutas enfrentadas pelas mulheres brancas e negras na luta contra a dominação masculina branca.

Weems (2012) a questão é que a maioria das mulheres negras não são feministas/ feministas negras, mas sim Mulheres Africanas ativistas, cujas ações são melhor caracterizadas por atividades baseadas na raça, conforme descrito na Africana Womanism. Começando na verdade, as Mulheres Africanas ativistas podem ser vistas como modelos para outras teorias de gênero. O postulado do estudo que se realizou é o reconhecimento da vasta literatura de história do pensamento africano trazendo as principais abordagens dos autores em torno do feminismo separadamente ou simultaneamente. Este posicionamento distancia Chigore e Gondim (2020), Fernandes (2007), Ebonoluwa (2009) e Telo (2017) sustentam que é importante compreender as dinâmicas das interações, relações que se estabelecem entre essas duas camadas aparentemente antagônicas. Ebonoluwa (2009) feminismo tem sua origem na luta dos direitos das mulheres e iniciou-se no final do século XVIII. O crescimento do feminismo começou na Europa e Estados Unidos, quando as mulheres tomaram consciência de sua opressão e adotaram medidas para combatê-la. Na atualidade, o feminismo tem-se estendido pelo mundo todo, embora que em muitos países seja classificado com diferentes rótulos. As ideias feministas agora já formam parte do pensamento cotidiano e, historicamente, é um movimento internacional de diversas e variadas culturas definidas e descritas por muitas pessoas de diversas maneira.

Por isso, é difícil ter uma definição precisa e universal do termo. Reconhecendo as implicações de uma definição ampla, as seguintes definições esclarecem um conceito de feminismo. Como defende Telo (2017) o feminismo trazendo uma reflexão sobre o movimento feminista em África introduzindo a Carta de Princípios Feministas para as Feministas Africanas. Atendendo as realidades diversificadas e contextualizadas.

A autora traz uma visão crítica ao feminismo hegemônico, os desafios presentes e futuros das mulheres em África. Avaliando tensões entre um movimento interno, intelectual e ativista atuante, que interage com outros externos, é possível observar a produção e o posicionamento

das pesquisadores africanos relativamente à questão das mulheres em África. Para Chingore e Gondim (2020) uma discussão sobre a utilização de alguns termos ocidentais implantadas na filosofia africana como, por exemplo, gênero e feminismo. Aqui apontaremos as críticas tecidas aos termos das filósofas africanas actuais. Elas acreditam que a colonização na África, até nos tempos actuais, é impregnada de noções colonizadoras que não se relacionam com a cultura de seu país. Assim, tomando como parâmetro o que é, legitimamente, africano.

Fernandes (2007) Na teledramaturgia brasileira, o actor negro é limitado a três situações específicas: representar o papel escravo em cenários históricos, interpretar personagens subalternos ou marginais da sociedade, ou participar de histórias de escalas bastante reduzida.

Weems (2012) os primórdios cáustico do feminismo para os Negros em meados do século XIX, quando a segregação racial e a opressão estavam na ordem do dia. Feminismo e Movimento da Mulher pelo Direito ao Voto teve seu início com um grupo de mulheres liberais brancas, que estavam preocupadas com a abolição da escravidão e a concessão de direitos iguais para todas as pessoas independentemente de raça, classe e sexo.

A XV Emenda da Constituição dos Estados Unidos foi ratificada em 1870, concedendo aos homens Africanos o direito ao voto e negando ainda esse privilégio para as mulheres a atitude destas mulheres brancas, em particular, mudou em relação aos negros. Ao contrário das mulheres Negras, que estavam exultantes com essa vitória para raça Negra, por saberem que a possibilidade do voto poderia melhorar as condições da comunidade Negra, as mulheres brancas em geral ficaram desapontadas, e com razão, pois o fato de terem assumido com benevolência a seguridade de cidadania plena para as pessoas Africanas acabaria por beneficiá-los. Assim, um movimento organizado entre as mulheres brancas da década de 1880 mudou o pêndulo de uma postura liberal para uma conservadora radical.

É fundamental destacar as contribuições essenciais de Chingore e Gondim (2020) que enfatizam o seguinte devemos examinar a utilização da palavra gênero de forma crítica, constatando que existiam sociedades que não tinham tal noção. Como esse fato é verificado positivamente, a proposição que relaciona gênero com universalidade desmorona. Sendo assim, a suposição de que a categoria gênero é universal, é algo ontológico não se sustenta, porque não se pode explicar tal questão como algo essencialista nem a priori e nem abstrato. É inegáveis as grandes

diferenças regionais, as peculiaridades de cada povo, de cada cultura. Em outras palavras, a universalidade da palavra gênero não é, somente, algo questionável, mas, além disso, não se mantém, porque tem-se que levar em consideração a pluralidade de visões que existem no mundo, inclusive aquelas que não reconhecem as identidades por meio biológico.

Ebunoluwa (2009) sublinha que feminismo está preocupado com as mulheres, não apenas como uma categoria biológica, mas também como categoria social, e, portanto, as feministas compartilham da opinião de que a opressão das mulheres está ligada à sua sexualidade. Isto se dá pelo fato de que as diferenças biológicas entre mulheres e homens se refletem na organização da sociedade. E, com base nessas diferenças, as mulheres são tratadas como inferiores aos homens. Seja como teoria, como movimento social ou político, o feminismo se concentra especificamente nas experiências das mulheres e ressalta as distintas formas de opressão que o gênero feminino está sujeito na sociedade.

Para autora os princípios e objetivos do feminismo, inclui a busca pela igualdade de oportunidades para as mulheres e a desconstrução do paradigma masculino predominante. Também menciona o mulherismo, uma variante afroamericana do feminismo.

É importante destacar a análise histórica das características do feminismo e mulherismo, enfatizam a luta pelos direitos e igualdade de gênero, a crítica ao patriarcado e às estruturas de poder opressivas, o reconhecimento da diversidade feminina e a busca pela autonomia e empoderamento das mulheres.

Em síntese, A mulher negra enfrenta opressão não apenas por causa de seu gênero, mas também por sua raça e classe social. Os autores ressaltam que as mulheres pertencem a diferentes grupos socioeconômicos e não podem ser tratadas como uma categoria universal. Além disso, devido à maioria das mulheres negras serem pobres, é improvável que haja alienação do movimento feminista por parte de mulheres de classe média, que podem perceber o feminismo como um ataque aos homens em vez de um ataque ao sistema opressivo. No entanto, as mulheres africanas não devem acreditar em questões de gênero automaticamente as torna feministas, e que algumas estudiosas africanas reivindicam ser feministas originais independentes do feminismo ocidental.

Assim destaca-se as mulheres negras estavam a travar uma batalha para reivindicar o feminismo como seu, mas atacaram as perspectivas de gênero não requer necessariamente identificação com

o feminismo/feminismo negro como único meio viável de enfrentá-los. No desenrolar das discussões do movimento mulherismo, está perspectiva afro-americana, uma ideologia global que define as experiências dos negros na diáspora e dos que vivem na África. Porém, o termo “negro” é elástico, já que alguns críticos têm aplicado o termo para se referirem a todas as pessoas que não possuem ascendência branca. Portanto, o mulherismo difere do feminismo ao reconhecer e combater a tripla opressão das mulheres negras (racial, sexista e de classe), em contraste com a preocupação principal do feminismo pela opressão sexista. O mulherismo também reconhece a participação masculina na luta pela emancipação e enfatiza a importância da família, comunidade e maternidade na cultura negra. Essa ideologia se estende além das fronteiras afro-americanas e é aceita por mulheres em todo o mundo.

Referências bibliográficas

Ebunolwa, S. (2009) “Feminismo: A busca por uma variante Africana” in *The Journal of Pan African Studies*, vol. 3, n. 1, 2009, pp 227-234. Tradução por Luana Roriz.

Fernandes, D. (2007) “Preto no Branco. Identidade Negra na telenovela Brasileira” Comunicação apresentada no V Encontro Regional de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

Gondim, E. e Ghingore, T. T. (2020). “O Ensino de filosofia: a mulher e a filosofia Africana”. *Problemata, Revista Internacional Filosofia*, 11 (3): 190-210.

Hudson-Weems, C. (2001) “Africana Womanism – O outro lado da moeda” in *Western Journal of Black Studies*, Vol. 25, No. 3, pp 137-145.

Telo, F. C. A. (2017). “O pensamento feminista africano e a carta dos princípios feministas para as feministas africanas”. *Anais Electrónicos*